

## “Infância e internet – interacções na rede”

*Sandra Marlene Mendes Barra<sup>1</sup>*

A maior parte dos estudos que se debruçam sobre as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e as crianças tentam demonstrar as potencialidades e benefícios das primeiras em relação às segundas. A perspectiva inversa – o que as crianças fazem das tecnologias – é muito menos documentada na pesquisa. A partir do quadro teórico de referência da Sociologia da Infância, procura-se esclarecer os dispositivos, os modos e os processos de elaboração e reelaboração dos saberes das crianças no âmbito das interacções de pares na rede.

A problemática central a que se reporta o estudo prende-se com o que é que as crianças entre os seis e os onze anos de idade conhecem da Internet, o que aí procuram e fazem. Procura-se esclarecer as formas como são efectuadas e negociadas as interacções das crianças na rede, ou seja, em que condições usam o correio electrónico, os *chats* de conversação e, de uma forma mais abrangente, como conduzem a sua “navegação” em frente do ecrã, no *ciberespaço*. Os contextos de intervenção das crianças na rede são igualmente focalizados: quando e onde a criança comunica na rede? a criança intervém sozinha ou prefere a companhia dos adultos ou dos seus amigos?

A ideia da criança sujeitada ao domínio do tecnológico e dos poderes da rede cede lugar a uma mais complexa e densa constatação: as crianças intervêm na rede, fazem e refazem as suas interacções e os seus saberes, nas condições propiciadas e constrangidas pelo meio, mas acrescentando-lhe a sua dimensão de sujeitos activos e de actores sociais (Barra e Sarmento, 2002).

Parece não haver dúvidas quanto à importância que exercem as novas tecnologias na definição das experiências culturais das crianças hoje em dia paralelas a uma inegável atracção e prazer das crianças na sua interacção com os meios electrónicos. E no que diz respeito à Internet, serão as crianças os pioneiros e destemidos desbravadores destas novas auto-estradas, em busca de informação e utilizando-o como meio de transmissão de ideias. São mesmo tidas como o segundo grupo com maior potencial de crescimento em termos de navegação na Internet as crianças entre os 2 e os 11 anos de idade (sondagem *Nielsen and Netrating*, 2000). Não será legítimo pensar na possibilidade de excluir as crianças dessas experiências, mas talvez atentar mais cuidadosamente ao modo como se comportam as crianças nessas vivências, deixando de ver a criança (ou defini-la) por aquilo que não é ou o que não tem (Buckingham, 2002; Casas, 2000; Sarmento, 1999).

As tecnologias a que hoje acedemos afiguram-se como modificadoras nas formas de relacionamento das crianças com a informação e comunicação. A utilização de som, imagem, texto, grafismos e todas as potencialidades hipermédia, contribuem ainda, e decisivamente, para cativar o utilizador destas faixas etárias com a grande vantagem de tornar possível a aprendizagem adaptada a diferentes estilos, ritmos e capacidades das crianças, com grande facilidade e flexibilidade de utilização. A relação estabelecida entre a criança e a Internet permite interacções diversificadas, pela organização não linear da informação, possibilidade de controlar a “navegação”, seguir linhas de interesse e gerir prioridades ligadas estritamente às necessidades e interesses individuais. Estamos perante um nova e poderosa “rede” de cultura e de socialização que permite aos utilizadores e consumidores apropriarem-se e atribuírem significação às mensagens e informação veiculada nos seus contextos de vida e tendo como base genuína as suas necessidades, motivações e interesses.

Os meios electrónicos e a Internet não serão a causa única das mudanças operadas na infância contemporânea; mas eles permeiam as vivências quotidianas das crianças e estão

---

<sup>1</sup> Dissertação concluída no âmbito do Mestrado em Sociologia da Infância  
Instituto de Estudos da Criança e Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

presentes nos dispositivos, modos e processos de elaboração e reelaboração dos saberes das crianças.

### Desenho metodológico

Este estudo exploratório enquadra-se numa abordagem qualitativa de pesquisa e tem como base aquilo que é proposto por Strauss & Corbin (1997), inserindo-se no âmbito do paradigma interpretativo-compreensivo. O objectivo será apreender os significados da interpretação dada pelos sujeitos em estudo às suas acções, para desta forma se compreenderem (e interpretar) as acções manifestadas por eles.

### Sujeitos do estudo

As sessões de observação realizadas envolveram a participação de 20 crianças, com idades entre os seis e os doze anos de idade. Observaram-se, assim, crianças que frequentavam, ou que foram convidadas a frequentar, o Espaço Público da Videoteca Municipal de Braga; as crianças na Escola Básica do Primeiro Ciclo de Pereiro-Gerês, – após o horário lectivo; as crianças no seu espaço familiar; ou as crianças nos laboratórios de informática do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, em Braga

**Quadro 1 - Distribuição etária e de género dos sujeitos**

Idades das Crianças	Meninos	Meninas	
6 anos	1		
7 anos	2		
8 anos	2		
9 anos	4	3	
10 anos	2		
11 anos		1	TOTAL
12 anos		5	20

### Instrumentos de recolha de dados

#### Observação participante

A observação participante enquadrada no desenho de investigação qualitativo foi acompanhada do registo de notas de campo nos contextos de observação. A escolha da observação participante está baseada nas potencialidades que, à partida, oferece esta técnica de recolha de dados ao permitir uma atenção ímpar aos domínios onde está envolvido o fenómeno de investigação pelo necessário “mergulhar” nos contextos.

#### Notas de campo

A elaboração dos dados foi efectuada através de notas de campo onde eram registadas as observações da actividade da criança na utilização que fazia da Internet, das interacções que estabelecia com o computador, com a investigadora ou com os seus pares e também notas

descritivas dos contextos e circunstâncias em que se realizava o estudo na generalidade e de cada sessão de observação em particular.

### Quadro 2 - Distribuição temporal das sessões de Observação

Ano	Sessões de Observação
2002	efectuadas
Fevereiro	1
Março	5
Maió	2
Junho	6
Julho	1
Setembro	11
Outubro	4
TOTAL	30

### Recolha dos dados

#### Contextos de recolha

Videoteca/Espaço Internet - Braga

Escola do Ensino Básico do 1º ciclo - lugar de Pereiró da freguesia de Vilar de Veiga, inserida na área do Parque Nacional da Serra Peneda-Gerês

Famílias observação da criança no seu domicílio

Laboratório (s) de informática

#### Análise dos dados

Na análise que se apresenta foram estabelecidas quatro grandes categorias para a organização da informação obtida.

Em primeiro lugar apresenta-se a listagem dos Sites Visitados no decorrer das observações realizadas até ao momento e a sua subcategorização: Infantis; Genéricos; Especializados; Pedagógicos e Publicitários. Em seguida apresentam-se as Actividades desenvolvidas pelas crianças na Internet são expostas segundo uma subcategorização: Jogar; Pesquisar; Aplicar; Desfrutar; Interagir; Enganar. De seguida fala-se do Tempo, da sua importância e do seu significado nas diversas vertentes do estudo. Finalmente são descritos pequenos Episódios que se consideraram relevantes para uma reflexão mais profunda, e que se segue a cada um deles.

#### Sites visitados

Sites Infantis

Sites Generalistas

Sites Pedagógicos

Sites Especializados

Sites Publicitários

## Actividades

Jogar

Jogos de acção/aventura

Jogos de estratégia

Jogos de aprender

Jogos de adivinhar

Pesquisar

Aplicar

Desfrutar

Interagir

Enganar

## Tempo

Esta categoria abrange o tempo na perspectiva do investigador, a gestão dos horários nas observações das crianças e o tempo na perspectiva das crianças, a duração da navegação e a demora na abertura das páginas ou jogos desejados.

## Análise de episódios

Os episódios a que se fazem referência pretendem uma análise mais profunda das notas de campo recolhidas de entre as 30 sessões de observação efectuadas. Ou seja, o que se faz neste ponto é a análise detalhada de **episódios ou momentos**, que por variadas razões, que são identificadas e explicadas, se consideram pertinentes no âmbito do estudo: Infância e Internet – Interações na Rede.

## Conclusões

Para a enunciação das conclusões deste estudo, optou-se por organizá-las em proposições que são apresentadas nos diferentes parágrafos que se seguem. Este estudo denominado de “exploratório” não pretende de forma alguma a generalização das proposições aqui avançadas. Estas serão o resultado de uma investigação realizada com determinado grupo de crianças, com características próprias, inseridas num contexto sócio-cultural igualmente específico.

- As crianças revelaram-se como co-construtoras desta investigação.
- Aproximarmo-nos dos mundos da Infância significa também a compreensão da dimensão interactiva Criança-Internet.
- A Infância deve ser encarada como uma categoria “em movimento” e a actividade das crianças vista como integrante das mudanças no mundo.
- Conhecer as crianças e a Tecnologia contribuem para o aprofundar do nosso conhecimento sobre a Infância.
- As reacções sociais às novas tecnologias têm um importante papel no que respeita à visualização da Infância como merecedora de atenção por ela própria.
- Os mundos sociais da criança são emoldurados no seio do mundo adulto e da cultura infantil.
- Nos dispositivos criados pelas Novas Tecnologias, existem escassos lugares “das” crianças.
- Existe uma inter-relação e constituição mútua entre tecnologia e Infância.
- A Internet não isola as crianças nas suas actividades.
- As crianças procuram muito os jogos na Internet.
- As crianças não procuram, na maior parte das vezes, os “Sites Infantis”.

- Questiona-se a legitimidade dos receios ou anseios dos pais em relação à “navegação” na Internet.
- A Internet é “lenta” para as crianças.
- As meninas e meninos “navegam” de formas diferentes entre si e similarmente no seu grupo de género.
- As crianças mais novas são activos e competentes utilizadores da Internet.
- O estágio desenvolvimental da criança não representa um obstáculo à sua actividade na Internet.
- Poderá ter havido enviesamento na informação recolhida pela utilização da observação participante.

Para finalizar, acredito que este trabalho se constitui num contributo para a Sociologia da Infância em Portugal e para o conhecimento que possuímos das crianças portuguesas de hoje. Corroborando totalmente as palavras de Priscilla Alderson, digo que *escutar extensamente a criança e avaliar como as suas respostas expressam profundamente as suas experiências individuais, é acreditar que só a partir delas se pode demonstrar claramente (...) quão sábias e informadas podem ser as crianças* (1995: 41). A esta tarefa nos propusemos, porque só **escutando** a criança nos seus contextos de interacção, e **acreditando** na sua sapiência, poderemos desvendar mais sobre o que é “ser criança” neste novo século.

### Referências bibliográficas

- ANDRÉ, Morli; ELIZA, D.A..(1995). *Etnografia da Prática Escolar*. Ed. Papyrus. Campinas.
- ARIÈS, Philippe (1988) *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Ed. Relógio D'Água. Lisboa.
- BARRA, Sandra Marlene e SARMENTO, Manuel Jacinto (2002). Child knowdlegde and web interactions. Comunicação ao Congresso *Toys, Games and Media*. Institute of Education of London, 19 a 22 Agosto 2002 (polic.)
- BENEDICT, Ruth (sem data). *Padrões de Cultura*. Edições Livros do Brasil. Lisboa.
- BUCKINGHAM, David (2000). *After The Death of Childhood – Growing up in the Age of Electronic Media*. Polity Press. Great Britain.
- CASAS, Ferran (2000). Childhood cultures and the information and communication audio-visual media. In Vários, *Actas do Congresso Internacional Os Mundos Sociais e Culturais da Infância*. I Volume. Universidade do Minho. Ed. CESC e IEC da Universidade do Minho, Braga.
- CORSARO, William A. (1997). *The Sociology of Childhood*. Pine Forge Press. Thousand Oaks.
- GEERTZ, Clifford (1978). *A Interpretação das Culturas*. Zahar Editores. Rio de Janeiro.
- GRAMSCI, Antonio (1989). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- ITURRA, Raúl (1998). *Como Era Quando Não Era o Que Sou - o crescimento das crianças*. Profedições. Lisboa.
- ITURRA, Raúl (org.) (1996). *O Saber das Crianças*. Cadernos ICE – Instituto das Comunidades Educativas. Setúbal.
- ITURRA, Raul (1997). *O Imaginário das Crianças. Os silêncios da cultura oral*. Lisboa. Fim do Século Edições.
- PINTO, Graça Alves (1998). *Trabalho Infantil no Meio Rural. De pequenino é que se torce o pepino (e o destino)*. Oeiras. Celta Editora.
- CRUZ, Angélica Lima (1999). *O Figurado sortido, um brinquedo de barro*. Braga. Universidade do Minho (policopiado).

- JAMES, Alison ;JENKS, Chris; PROUT, Alan (1998). *Theorizing Childhood*. Polity Press. Cambridge, UK.
- LESSARD-HÉBET, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald (1990). *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*. Instituto Piaget. Lisboa.
- PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (coord.s) (1999). *Saberes Sobre as Crianças*. Ed. Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho. Braga.
- PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (coord.s) (1997). *As Crianças – Contextos e Identidades*. Ed. Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho. Braga.
- SARMENTO, Manuel J. (2001). A Globalização e a Infância: impactos na condição social e na escolaridade in GARCIA, Regina L. ; FILHO, Aristeo, L. (orgs.) *Em Defesa da Educação Infantil*. Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Rio de Janeiro.
- STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. (Ed.) (1997). *Kinderculture. The Corporate Construction of Childhood*. Boulder. Westview Press
- SUTTON-SMITH, Bryan (1986), *Toys as Culture*. New York. Amereon Ltd.
- ROGERS, Mary F. (1999). *Barbie Culture. Core Cultural Icons*. London. Corwin Press.
- TURKLE, Sherry (1997) *A vida no Ecrã – A Identidade na Era da Internet*. Ed. Relógio D'água. Lisboa.